

MARCOS DE SOUZA BORGES

A ESPIRITUALIDADE & A HOMOSSEXUALIDADE

ENTENDENDO A CONSTRUÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE



MARCOS DE SOUZA BORGES

A ESPIRITUALIDADE & A HOMOSSEXUALIDADE

ENTENDENDO A CONSTRUÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE





**Edição, Impressão
e Acabamento**
Editora Jocum Brasil

Distribuição e Vendas:
Editora Jocum Brasil
www.editorajocum.com.br
Fone: |55| 41 3657-2708

A Espiritualidade e a Homossexualidade

Primeira Edição – Julho de 2013

Correção: Ana Glaubia de Souza Paiva

Diagramação: Marcos de Souza Borges

Capa: Eurípedes Mendes

Revisão Geral: Marcos de Souza Borges

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte da edição deste livro deve ser reproduzida de forma alguma sem a autorização, por escrito, da editora, exceto em casos de citações curtas em artigos críticos ou em resenhas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

© Borges, Marcos de Souza

A Face Oculta do Amor / Marcos de Souza Borges – Almirante Tamandaré, PR: Editora Jocum Brasil - Marcos de Souza Borges Edição e Distribuição de Livros, 2011.

160 páginas; 21cm.

ISBN: 978-85-60363-38-4

1. Vida cristã 2. Espiritualidade bíblica.
3. Aconselhamento pastoral. 4. Teologia.
5. Homossexualidade.

I. Borges, Marcos - II. Título.

CDD 240

Índice para catálogo sistemático:

1. Ética cristã e Teologia devocional - 240

ÍNDICE

Autor.....07

Introdução.....09

Parte I - Noções básicas sobre espiritualidade

Capítulo 1 - O que a Bíblia nos ensina sobre o mundo dos espíritos.....17

Capítulo 2 - O princípio divino da “Maldição”39

Parte II - Entendendo a construção de um quadro de Homossexualidade

Capítulo 3 - Revolução Sexual.....63

Capítulo 4 - Espiritualidade e Herança.....85

Capítulo 5 - Fatores determinantes na construção da Homossexualidade.....105

Capítulo 6 - Discernimento fundamentais.....127

Capítulo 7 - O drama de Ló e sua família - Saindo do cativeiro do abuso e da homossexualidade ...137

AUTOR

Marcos de Souza Borges, conhecido como “Coty”, é pastor, escritor, missionário, conferencista e engenheiro mecânico. Ele e sua esposa, Raquel, têm um casal de filhos, Gabriel e Bárbara e, atualmente, trabalham como diretores de uma base de *Jovens Com Uma Missão* - Jocum, em Almirante Tamandaré, na região metropolitana de Curitiba.

Estão no campo missionário desde Janeiro de 1986, quando também se casaram. Desde então, vêm atuando nacionalmente e internacionalmente com intercessão, treinamento, aconselhamento, mobilização missionária, impactos de evangelismo e conquista de cidades, edificação e implantação de igrejas e também de muitas outras formas continuam servindo interdenominacionalmente o Corpo de Cristo.

Eles também têm desempenhado um expressivo ministério na área de cura e libertação, investindo na restauração de famílias e igrejas, bem como, na formação de conselheiros e libertadores com o propósito de sarar e capacitar a Igreja para alcançar as nações.

Pr. Marcos Borges também é autor dos livros:

“A Face Oculta do Amor”

“Raízes da Depressão”

“O Obreiro Aprovado”

“A Oração do Justo”

“O Avivamento do Odré Novo”

“Cura e Edificação do Líder”

“Pastoreamento Inteligente”

INTRODUÇÃO

As questões da sexualidade abrangem todas as esferas de influência da sociedade e merecem uma abordagem específica por parte de cada uma delas. Dependendo do papel social que uma pessoa desempenha, o tipo de exposição sobre a homossexualidade pode assumir ênfases totalmente diferentes quando vem, por exemplo, de um jurista, ou de um político, ou de um cientista, ou de um antropólogo, ou de um repórter de noticiário, ou de um assistente social, etc.

Esta abordagem é essencialmente de uma perspectiva cristã do aconselhamento pastoral. A moral cristã demanda que sejamos mais que “politicamente corretos”, ou seja, certos valores e princípios não podem ser negligenciados ou negociados; algumas interrogações requerem respostas absolutas.

Ao oferecer este *estudo bíblico*, o meu principal objetivo é aprofundar a discussão, dando assim uma contribuição teológica e pastoral sobre o tema da homossexualidade que é, sem dúvida, o mais crítico e controverso da atualidade.

Base epistemológica

Epistemologia significa o estudo das diferentes lentes que podem ser usadas para enxergar o mundo ou interpretar a realidade humana. Dependendo da ótica filosófica e cultural pode-se chegar à conclusões bem diferentes, até opostas sobre determinado assunto, que correspondem ou não à verdade. Nem toda forma de enxergar a realidade nos aproxima

da verdade. Assim como a lente certa serve para corrigir a visão, a lente inadequada só faz distorcer.

Esta elaboração fundamenta-se em uma cosmovisão *escriturística*, onde convergimos sociologia, psicologia e espiritualidade bíblicas. O discernimento das leis e princípios contidos na Bíblia é a lente epistemológica que usamos para interpretar a realidade. Os princípios fundamentais de toda ciência humana podem ser fartamente encontrados nas Escrituras Sagradas, o mais fidedigno “manual de funcionamento” para *todo* indivíduo e sociedade.

“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (Jo 5:39);

“Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mt 22:29).

Sabendo que toda comprovação científica converge com o discernimento bíblico, também aplicamos o princípio da observação e pesquisa, formal e informalmente, levando em conta a história pessoal, cultural e principalmente o sistema familiar. As conclusões estabelecidas neste material se fundamentam na observação de incontáveis casos ao longo de muitos anos de experiência pastoral intensa, nas informações compartilhadas de ministérios parceiros e colegas, onde interagimos com os bastidores da vida de muitas pessoas envolvendo uma grande diversidade de situações.

As excessões

Em relação à sexualidade, também existem aqueles casos mais raros, envolvendo anomalias do aparelho reprodutor ou deficiências orgânicas, que merecem uma atenção especial sob vários aspectos, principalmente o aspecto médico, científico.

Este não será o nosso foco. São situações difíceis, onde fatores bioquímicos, genéticos, vocacionais e espirituais podem se misturar e conclusões precipitadas que ignoram a especificidade de cada situação certamente irão produzir diagnósticos infelizes.

Jesus resumiu essas excessões no campo da sexualidade se referindo a essas pessoas como “eunucos”:

“Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o” (Mateus 19:12).

Eunuco é uma pessoa que se priva ou é privada da vida conjugal por algum motivo orgânico, político, religioso, etc. dedicando-se integralmente à uma vocação. São casos realmente excepcionais. Obviamente, isso não significa que a pessoa tenha “nascido homossexual” e também não serve de pretexto para tal.

*A palavra “eunuco” na Bíblia, no literal “sáris”, se origina do costume de colocar homens **castrados** em determinadas posições chaves do governo (Concordância Strong ref. 5631).*

É quando a vocação se sobrepõe ao plano conjugal e familiar. Do ponto de vista bíblico, Jesus estabelece três situações possíveis em relação à castração sexual, ou seja:

- **Nascimento** - *“assim nasceram do ventre da mãe”*: Por exemplo, fatores congênitos como deficiências nas rotas metabólicas dos esteroides ou alterações

hipofisárias ou supra-hipofisárias, ou seja, pessoas que nasceram com alguma disfunção sexual orgânica, que inviabiliza o casamento. Alguns entendem essa realidade como um chamado divino ao ministério.

- **Cativeiro** - *“foram castrados pelos homens”*: Pessoas que por alguma razão cultural ou situacional (escravidão, cativo de guerra - II Re 20:18, Dn 1:7) foram literalmente *castrados* trabalhando como escravos no harém, camareiros, administradores, copeiros e outros serviços prestados a um rei.
- **Consagração** - *“se castraram a si mesmos”*: Pessoas que para se dedicarem a Deus e ao serviço integral do Seu reino; ou a um governo como um ministro de Estado; ou a uma religião qualquer, optaram pelo celibato trabalhando como oficiais do templo. Um tipo de castidade voluntária. Como Jesus disse: *“Quem pode receber isto, receba-o”*.

Espiritualidade bíblica

Muitos terapeutas, estudiosos e as pessoas em geral não conseguem perceber a forte carga espiritual contida na sexualidade. A grande maioria dos sexólogos simplesmente alieniza o campo da espiritualidade e tendem a uma racionalização científica e hedonista. É importante ressaltar que a principal religião do Ocidente é o *Hedonismo*. Em raras vezes da história humana o prazer e a autogratificação foram tão cultuados.

A espiritualidade bíblica implica em uma integridade moral no campo da sexualidade que a nossa sociedade, cada vez mais permissiva, repele, rejeita, banaliza, execra. O meu intuito é trazer um discernimento de como a espiritualidade e a sexualidade estão consistentemente relacionadas, estabelecendo conceitos, princípios, discernimentos, diagnósticos e conseqüentemente soluções que podem nos alinhar com o propósito eterno de Deus.

Portanto, antes de mergulhar nosso entendimento no processo de construção de um quadro de homossexualidade, gostaria de compartilhar, de forma bem sucinta, uma noção básica sobre *espiritualidade* para que possamos ativar uma cosmovisão bíblica mais depurada que é a grande chave para lidarmos com uma questão tão complexa como a homossexualidade. Vamos fechar essa introdução compartilhando um discernimento primordial.

A homossexualidade e a rejeição

É essencialmente estratégico entender que uma das principais cadeias que algemam pessoas na homossexualidade é a *rejeição*. Normalmente, toda confusão psicológica e também toda distorção que a pessoa experimenta na identidade, na auto-imagem é resultado de um sobrepeso sustentado por algum tipo de sofrimento emocional. A dor emocional quando sistematizada sempre implica em sérias lesões que podem refletir em muitos tipos de desordens crônicas.

A perseguição homossexual naturalmente é acompanhada e reforçada por fortes doses de incompreensão, rejeição e abuso. A rejeição quando correspondida com amargura estabelece uma ferida que deixa a pessoa ainda mais vulnerável e subjugável ao seu conflito. A história que tenho ouvido de muitas pessoas que desenvolveram questões de caráter homossexual desde a infância inclui um doloroso e crítico processo de “esfolamento” psicoemocional.

Apesar da Igreja Cristã ser um dos grupos sociais mais amistosos e solidários ao indivíduo homossexual, naturalmente não estamos totalmente preparados para lidar com estas situações. Precisa ficar claro que agindo com discriminação, exclusão, rejeição, estamos fortalecendo as verdadeiras barreiras internas que prendem a pessoa na homossexualidade. Estamos caindo na armadilha proposta estrategicamente

pelo *espírito de rejeição*, nos aliando a ele, em detrimento da pessoa em questão, a quem Deus ama. É algo muito sutil.

O primeiro passo para lidarmos com a questão da homossexualidade é valorizar a pessoa, aceitá-la, estimá-la como imagem e semelhança de Deus, reconhecer suas virtudes, fazer com que ela se sinta incluída, constrangida por um amor puro que não usa, nem abusa, mas serve, ama desinteressadamente. Porém, para cumprirmos integralmente a lei do amor não podemos negociar a verdade bíblica de que a prática homossexual é pecaminosa e potencialmente destrutiva.

PARTE I

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE

Capítulo 1

O QUE A BÍBLIA NOS ENSINA SOBRE O MUNDO DOS ESPÍRITOS

**Quem são os demônios e como eles estão
relacionados ao propósito de Deus?**

“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o crêem, e estremecem” (Tg 2:19).

Ao construirmos o paradigma bíblico sobre espiritualidade, esta se torna uma das questões mais básicas:

Porque Deus não destruiu imediatamente a Lúcifer e os demais anjos que se rebelaram?

Apesar da Bíblia não dar informações diretas e detalhadas sobre a queda de Lúcifer e como se deu a sua rebelião nos Céus, apenas uma analogia com a ascensão e queda do famoso Rei de Tiro¹, podemos estabelecer algumas conclusões inquestionáveis que ajudam a desfazer alguns preconceitos e supertições.

Demônios são seres espirituais, morais, hierarquizados, criados originalmente por Deus como anjos, arcanjos, sera-

fins, querubins... Decaídos da sua glória original adquiriram uma natureza maligna e uma terrível habilidade de enganar. Transformaram-se na personificação da escolha que fizeram. Porém, a despeito da sua natureza, os demônios prestam contas a Deus, submetendo-se inteiramente aos seus propósitos, como não poderia ser diferente.

Ao se rebelarem, foram condenados, desarraigados dos Céus e lançados sobre a terra. Isso ganhou maior relevância ainda com a queda da raça adâmica. Herdamos um mundo caído e uma condição espiritual destituída da glória de Deus.

Com isso, os demônios passaram a transitar entre a dimensão física e a dimensão espiritual, incumbidos de desempenhar, essencialmente, dois papéis: “Tentar o homem” e “Punir o pecado”. Vejamos isso mais de perto.

1. Tentar o homem, ou seja, provar o seu caráter

O primeiro desígnio dos demônios é *tentar o caráter humano*. Por incrível que pareça isso está em harmonia com a natureza do propósito divino. O homem foi criado à imagem e semelhança moral de Deus, um ser livre e, portanto, responsabilizável.

O poder de escolha, do livre arbítrio, exige um sistema de provação. Esta é a lógica de todo ser moral: não existe caráter sem tentação. A formação ou deformação do caráter estão relacionadas às nossas escolhas mediante as tentações. O próprio Jesus ao se identificar com a raça humana foi sujeito a isso. Por intensos 40 dias ele foi tentado por Satanás (Lc 4:2)².

“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hebreus 4:15).

É um princípio do tratamento de Deus entendermos que o nosso relacionamento com Ele não está seguro até que passemos por alguns testes, provas, que Ele mesmo tem determinado para nos purificar e fortalecer. Isto se aplica tanto aos anjos como aos seres humanos. Relacionamentos precisam ser testados. Nisto residiu o louvor que Jesus dispensou à igreja de Éfeso: “... e puseste à prova os que dizem ser apóstolos, e o não são, e tu os achaste mentirosos” (Ap 2:2).

Muitas provações estão implícitas no longo processo de tornarmo-nos participantes da natureza divina. Caráter é como ouro, custa caro, precisa ser provado: “Aconselho-te que de mim compres **ouro provado no fogo...**” (AP 3:18). Há um preço a pagar! A santidade só pode ser obtida pelo exercício correto da vontade mediante as adversidades e provas.

Portanto, vamos desenvolver brevemente um conteúdo enfatizando dois conceitos essenciais da vida cristã: a tribulação e a tentação.

- **Tribulação:** “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados...” (II Co 4:8)

Todos conhecemos muito bem o sentido da palavra *tribulação*, que é sinônimo de adversidade, dificuldade, sofrimento, aperto, resistência, etc. O aspecto curioso desta palavra é que ela origina do termo “*tribulum*”, nome dado a uma ferramenta agrícola em forma de uma *cama de pregos invertida* usada para “escovar” o trigo colhido separando o grão da palha. O *tribulum* tem a utilidade de arrancar a palha deixando apenas o trigo, o fruto, que alimenta, nutre e fortalece. A palha para nada serve senão para ser queimada (Mt 3:12)³.

Portanto, a tribulação serve para nos libertar da hipocrisia religiosa, da falsa espiritualidade, da aparência sem virtude, dos pseudos exteriótipos de justiça, da vanglória, da soberba.

A tribulação arranca a palha, aquilo que não tem peso espiritualmente e nada mais é que vaidade, falsidade, sofisticação. A tribulação exhibe o verdadeiro fruto, exalta o trigo e condena o joio. Certamente a “escova” das tribulações está constantemente passando pela nossa alma, nosso ministério, nossas motivações, fazendo o discernimento entre o que é fruto e o que é palha.

Em Rm 8:38,39, o apóstolo Paulo destrincha melhor a natureza da tribulação classificando alguns poderes que servem para testar a nossa fé: *“Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!*

- **Tentação:** *Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam (Tg 1:12).*

De forma geral, damos ao conceito da tentação uma ênfase negativa que distorce o seu propósito. Há alguns anos atrás, ouvindo uma mensagem pregada por *Miles Monroe*, pude entender o conceito da “tentação” de uma outra forma, mais positiva, construtiva e objetiva.

O termo “tentar” no Novo Testamento é também associado ao processo romano de fabricação de espadas. Os romanos descobriram uma maneira para beneficiar o aço revolucionando a qualidade de suas armas, aumentando ainda mais a superioridade do seu exército. Aprendi isso há muitos anos atrás estudando engenharia mecânica.

Depois de moldado na forma de uma espada, o aço era novamente aquecido até aquela cor avermelhada incan-

descente, conhecido tecnicamente como temperatura de “austenitização”⁴. Nessa temperatura a estrutura molecular sofre uma alteração tornando-se também maleável. Segue-se, então, a conformação física ao bater e rebater o aço com uma pesada marreta. Com isso as moléculas tornam-se mais coesas, as falhas e trincas microscópicas vão se fechando e a estrutura do aço fortalece. Esse processo de fogo e marreta se repete várias e várias vezes até que todas as imperfeições sejam totalmente eliminadas. Esse processo é tecnicamente conhecido como “conformação mecânica”.

Por fim vem um “tratamento térmico”, conhecido como “têmpera”⁵. O aço depois de aquecido acima da temperatura crítica de 727°C é abruptamente resfriado na água. Isso novamente muda a estrutura molecular do aço, deixando-o mais duro e afiável.

Esse processo contínuo de sujeitar o aço ao fogo, marreta e água; fogo, marreta e água; fogo, marreta e água... era conhecido como “tentar” o aço, até que ele se transformasse em uma arma confiável, sem defeitos estruturais, bem mais forte e cortante. Como nos ensina o profeta Isaías referindo-se às provações comuns à todos:

“Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti” (Isaiás 43:2).

A tentação, do ponto de vista bíblico, serve para lidar com nossas fragilidades morais, nos tornar confiáveis, perseverantes, resilientes e penetrantes no cumprimento do propósito divino. O conceito da tentação tem o sentido essencial de fortalecer pela adversidade, purificar pelo fogo do sofrimento, tornar-se santo pela obediência mesmo em face dos prazeres

transitórios do pecado. Santidade é uma condição que depende totalmente da escolha humana em virtude da graça dispensada por Deus.

A ênfase não tem que estar no “tentador”, mas nos efeitos positivos que isso pode causar no caráter humano, principalmente quando pensamos em uma perspectiva de eternidade. Portanto, apesar de Deus não tentar ninguém, e da tentação ter um caráter demoníaco, o princípio é divino:

Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta (Tiago 1:13).

2. Punir o pecado e toda injustiça

Curiosamente, os demônios foram também incluídos no sistema correccional estabelecido por Deus e por incrível que pareça eles estão cooperando com o Seu propósito. Deus estabeleceu uma forma de usar a rebelião de Satanás para lidar com a rebelião humana.

C.T. Study disse: “Deus provavelmente tem usado Satanás mais que qualquer outro ser criado”. Ou seja, Deus é soberano e inteligente. Ele sabe falar a língua daqueles que se desviam, se endurecem, se ensurdecem, se obstinam e ainda arrogantemente pensam que estão sendo espertos. Ele resiste ao soberbo e exalta os humildes. Deus sabe como abalar o que é abalável na realidade de cada indivíduo de forma que o que é eterno se estabeleça.

Para esse tipo de situação humana é que a Bíblia nos revela “Satanás”⁶, não apenas como “Adversário” (Lit. hebraico), estabelecendo dificuldades que servirão para legitimar a nossa espiritualidade, mas também como “Diabo”, que significa no original grego “Acusador”⁷ (Ap 12:10)⁸, onde teremos que enfrentar com humildade e verdadeiro arrependimento os nossos pecados e injustiças.

Portanto, ao contrário do que muitos pensam, não existe uma disputa de poder entre Deus e os demônios. Se fosse assim eles já teriam sido instantaneamente aniquilados desde o primeiro momento em que se rebelaram. Não haveria nem poeira deles. Portanto, Deus não está em uma *queda de braços* com Satanás tentando ser mais forte que ele. Isso é ridículo. Não tem como comparar o poder e a sabedoria de Deus com os limitados recursos de Satanás. Este tipo de perspectiva produz ênfases teológicas distorcidas e uma ideia completamente tosca e errada de como o mundo espiritual funciona.

O paradoxo entre o bem e o mal

A Bíblia nos mostra Deus como o supremo e idôneo governante do Universo; o homem como o maior protagonista da sua própria história; e os demônios, simplesmente como agentes espirituais do julgamento divino. Portanto, Deus chama para si mesmo toda a responsabilidade em relação ao bem e ao mal:

*“Eu formo a luz, e **crio as trevas**; eu faço a paz, e **crio o mal**; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas”
(Is. 45:7).*

A palavra *criar* aqui tem o sentido ou perspectiva de criar em virtude de uma desobediência, maldade, injustiça ou rebelião praticadas sistematicamente. Deus é expert em lidar com o coração endurecido e a alma rebelde do ser humano. Ele é um Pai que sabe corrigir adequadamente os seus filhos.

Embora, muitas vezes a “maldade” seja proposta e executada por Satanás, ela é autorizada a partir do trono de Deus, o qual é fundamentado em justiça, juízo, verdade e misericórdia (Sl 89:14)⁹. O mal não se fundamenta em um ataque de Satanás aleatório à justiça ou aos planos de Deus para uma pessoa. À rigor, é responsabilidade divina punir a injustiça e a transgressão.

Você pode observar na Bíblia que todas as vezes que o povo de Deus se corrompia, os inimigos se levantavam. O livro de Juízes se resume em uma demonstração histórica dessa verdade: O povo se esquecia de Deus, eram oprimidos e subjugados por diversos inimigos, clamavam a Deus e eram restabelecidos.

Filisteus, amonitas, babilônicos, assírios, etc. foram usados como instrumentos da correção divina. Acho interessante quando o próprio Deus fala: *“Moabe é a minha bacia de lavar” (Sl 60:8)*. Os moabitas eram um dos maiores inimigos de Israel que sempre prevaleciam quando a nação precisava de uma profunda purificação. Hoje não é diferente. A opressão do inimigo é diretamente proporcional ao distanciamento de Deus. Em contrapartida, quando alguém agrada a Deus ele faz com que essa pessoa tenha paz até com os seus inimigos:

“Sendo os caminhos do homem agradáveis ao SENHOR, até a seus inimigos faz que tenham paz com ele” (Pv 16:7).

Portanto, a origem dos conceitos de luz e trevas, bem e mal vem de Deus. Deus chama para si toda a responsabilidade em relação à sua criação. Ele não culpa o diabo pelas trevas ou pelo mal. O diabo não é o protagonista das tragédias humanas, mas o próprio homem quando dá as costas ao seu Criador. O aspecto central do mal é a transgressão. O diabo só é um agente colateral que Deus usa para punir o mal e tentar restabelecer o ser humano dentro do seu propósito.

Aqui o conceito de bem e mal tornam-se motivacionalmente relativos. Assim como pode haver um “bem” motivado pelo “mal”, também pode haver um “mal” motivado pelo “bem”. Quando se tem que lidar com a rebelião do ser humano e tudo aquilo que deturpa a sua natureza e distorce o seu caráter, o “mal” pode se tornar na estratégia para promover o bem.

Portanto, existe um “mal” que se fundamenta na transgressão da lei divina e faz com que muitas pessoas inocentes sejam prejudicadas. E também existe um outro tipo de “mal”, motivado pelo bem, que do ponto de vista da justiça divina não tem aquele caráter maligno do pecado, e que se fundamenta na punição divina e visa restabelecer a retidão.

É importante dizer que, originalmente, Deus não criou o “mal”, mas apenas a “possibilidade de se conhecer o mal”, ou seja a possibilidade de desobedecê-lo: *“O Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores ... e a árvore da ciência do bem e do mal”* (Gn 2:9). O que significa conhecer o bem e o mal? O pecado traz este tipo de experiência. Quando alguém desobedece uma lei divina vai experimentar não apenas o “bem” do mal, ou seja, o prazer efêmero do pecado, mas certamente irá conhecer também o “mal” do bem, ou seja, a angústia da punição. Deus estava explicando para Adão como funciona a sua paternidade. Este é o simples paradoxo da correção, Ele transforma ou usa o mal como um mecanismo para produzir justiça e retidão.

Toda criação moral de Deus está sujeita à oportunidade de se corrigir evitando assim um destino trágico. *“Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho”* (Hb 12:6). A questão é que a grande maioria das pessoas não tem maturidade suficiente para perceber a correção como legítima expressão do amor paterno de Deus.

Portanto, a essência desse segundo papel exercido pelos demônios, por incrível que pareça, coopera com a natureza do propósito divino no sentido de corrigir, ou purificar o caráter humano. Assim como o livre arbítrio exige um sistema para provar o caráter humano, da mesma forma exige um sistema de punição para os transgressores.

O salário do pecado é a morte (Gn 2:17)¹⁰. É uma lei divina. É imutável. Nessa brecha Satanás projeta todos os

seus esforços e ações que resumem, como Jesus mencionou, em matar, roubar e destruir (Jo 10:10).¹¹ O pecado pessoal, a injustiça social e a iniquidade geracional serão julgadas. *O homem não se estabelecerá pela impiedade... (Sl 12:3).*

O objetivo maior de Deus é corrigir o homem e reconciliá-lo com o seu propósito original. Disso emana o conceito de verdadeira paz e realização (Hb 12:11).¹² Antes de ser o Juiz de toda a Terra, Deus é um Pai, que não abre mão de corrigir ao filho que ama (Hb 12:5-7)¹³.

Uma das lições que aprendemos na parábola do filho pródigo (Lc 15:12)¹⁴ é que Deus, apesar de nos respeitar e amar, até mesmo quando estamos fazendo as escolhas mais erradas da nossa vida, Ele não se constrange em nos corrigir. Ele não nos poupa de nos entregar aos nossos caminhos tortuosos, deixando-nos ir para uma longínqua terra de fome, sofrendo necessidades a ponto de desejar comer a comida de porcos e nem isso poder. Ele sabe como mexer na nossa estrutura. Porém, sempre estará aguardando o nosso arrependimento e retorno, o que pode ou não acontecer. Somos seres morais, livres.

Quem prepara a nossa cama no inferno somos nós mesmos. O juízo mais severo de Deus é quando ele entrega alguém à obstinação do próprio coração. A arrogância produz um tipo de engano no coração humano que confunde loucura com sabedoria: *“Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos” (Rm 1:22)*. Isso é destrutivo. Portanto, ainda que correção divina não intenciona destruir a pessoa que transgride, isso pode perfeitamente acontecer.

“O homem que repetidas vezes é repreendido e endurece a sua cerviz, será repentinamente quebrado sem que haja cura.” (Pv 29:1)